

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

a ARA e a luta de massas

No Comunicado de Maio passado, que o Comando Central da ARA publicou, diz-se no seu ponto 2: «Verificando que se desenvolve no país um amplo movimento político, cujos êxitos são importantes para o enfraquecimento da ditadura fascista e colonialista, determinou uma pausa temporária de certas acções, com vistas a facilitar que sejam aprofundadas ao máximo outras possibilidades da luta popular e antifascista.»

O PCP e com ele a generalidade dos antifascistas que se esforçam por desenvolver as organizações democráticas e as acções de massas, aprovaram a decisão tomada pela ARA que mostrou assim «o seu alto sentido de responsabilidade ante o movimento

popular e antifascista português, de que faz parte», tal como se salienta no documento saído da reunião de Julho do CC do PCP. Essa decisão mostra ainda a compreensão pela necessidade de em determinadas condições ser-se capaz de concentrar energias em certas frentes de luta, como é o caso da actual conjuntura.

Alguns pseudo-revolucionários e desagregadores, nomeadamente o grupo de cisionistas instalados em Argel, tentaram usar essa justa decisão para lançar a confusão e desprestigiar a ARA. Contrariamente ao que procuram fazer crer esses desagregadores, a ARA não parou nem suspendeu a sua actividade. No seu Comunicado afirma-se claramente tratar-se de uma pausa e no ponto 3, diz-se: «Acompanhando atentamente o desenvolvimento da situação, o Comando Central da ARA e todos os seus militantes continuam no seu posto procurando manter e reforçar a sua capacidade operacional de forma a poderem desferir novos golpes contra o fascismo e o colonialismo».

Os que ameaçam desencadear acções que eles próprios intitulam «contra o eleitoralismo», o que procuram na prática é aproveitar-se ao aproveitamento das condições favoráveis ao desenvolvimento de uma grande campanha política de massas.



Alarga-se o Movimento Unitário de Massas!

A evolução do país e os acontecimentos políticos ocorridos nos dois últimos meses confirmam plenamente a justeza da análise e directrizes da reunião de Julho do Comité Central do Partido, contidas no documento publicado no «Avante» de Agosto e intitulado «Por uma grande campanha política de massas».

O regime isola-se cada vez mais e acumula sucessivos desaires. A ida de M. Caetano a Londres foi um grave erro de cálculo que se transformou num dos seus maiores desaires políticos. A demissão do general Spínola, na Guiné, assim como a substituição do general Kaulza (um dos mais directos responsáveis pelos denunciados massacres em Moçambique), quando um e outro vinham há anos a anunciar que a vitória estava à vista (!), são a expressão das irreversíveis derrotas políticas e militares dos colonialistas e confirmam a conclusão do C.C. de que «amadurecem as condições que colocarão na ordem do dia o fim da guerra colonial e uma solução política do problema.»

O Movimento Democrático, uma força em ascensão

Enfrentando corajosamente a repressão fascista muitos milhares de democratas das mais diversas tendências e regiões do país estão em movimento e lutam pelas liberdades democráticas, lutam contra a repressão e pela amnistia, contra a guerra colonial, contra a carestia de vida, contra os monopólios e a dominação imperialista.

Sucedem-se os Encontros Nacionais com delegados das Comissões de 14 dos distritos do país; multiplicam-se as reuniões inter-distritais, regionais e Plenários concelhios e distritais, alguns deles com a presença de centenas de democratas; intensifica-se a formação de Comissões locais, profissionais, de freguesia, concelhias e distritais; os movimentos das mulheres, dos jovens trabalhadores, dos estudantes, alargam as suas organizações.

A luta «eleitoral»

Ao escrevermos este artigo, ainda não sabemos em quantos distritos serão apresentadas candidaturas pelo Movimento Democrático. Mas parece certo que serão apresentadas candidaturas democráticas unitárias na maioria dos distritos do país, o que representa uma importante vitória do Movimento Democrático.

A decisão de ir ou não às urnas terá de ser determinada oportu-

namente, mas os «evidentes propósitos do Governo de organizar nova mascarada «eleitoral» indicam que os governadores civis e as autoridades locais recorrerão a todas as ilegalidades para impedir ou dificultar as acções de massas.

As ilegalidades, prisões e proibições a que o Governo recorreu quando do recenseamento e do Congresso de Aveiro; a prisão, nos últimos meses, de centenas de trabalhadores, estudantes e democratas diversos; a proibição de várias realizações democráticas e até do Encontro dos monárquicos independentes de Lisboa; a acção da censura, tudo isso indicam claramente que se deve contar com a repressão e as arbitrariedades de todo o género, e ser indispensável lutar decididamente contra a repressão fascista. Mas é também necessário que o Movimento Democrático e os seus candidatos não se deixem encerrar nas malhas da «legalidade» fascista e não caiam na falsa concepção de que nada se deve fazer que não seja previamente autorizado pelas autoridades fascistas. O direito de propaganda, de reunião e discussão pública dos problemas nacionais, incluindo o di-

reito de organizar manifestações de rua e greves, conquista-se na acção.

Unidade na acção

O desenvolvimento do Movimento Democrático mostra ser ele uma força que cresceu na acção, que está em plena ascensão e a lutar com êxito pelo direito de organização e propaganda legais a título permanente. A formação de centenas de novas comissões unitárias, a abertura de sedes por todo o país, o alargamento da unidade e da acção das massas são condições essenciais para a obtenção de novos êxitos.

O desenvolvimento do Movimento Democrático e da acção unitária de massas comprovam a justa orientação preconizada pelo P.C. e outras correntes democráticas. A organização de uma grande campanha política de massas e o «desenvolvimento das formas de organização e propaganda legais e semilegais», tal como foi preconizado pelo C.C., tem de enfrentar a repressão e manobras fascistas, assim como a acção desagregadora dos pseudo-revolucionários.

(continua na 2ª pág.)

GREVES E MANIFESTAÇÕES DE MILHARES DE TRABALHADORES DA TAP E BANCÁRIOS!

«As justas exigências dos trabalhadores em luta pela satisfação das suas reivindicações e pela defesa dos seus direitos, os governantes fascistas respondem quase sistematicamente com a intervenção violenta das forças repressivas. Foi isso que mais uma vez aconteceu, agora com os trabalhadores da TAP e empregados bancários.

Vitória dos trabalhadores da TAP

Aos protestos de várias centenas de trabalhadores contra a arbitrária proibição de uma reunião da classe no dia 11 de Julho a fim de ser informada pela Comissão Sindical do estado em que se encontrava a arbitragem do ACT respondeu uma brutal carga das forças policiais. Os trabalhadores reagiram gritando «assassinatos!», «abaixo o fascismo», «abaixo a guerra colonial». Em seguida, em número de cerca dum milhão, dirigem-se para o aeroporto, onde sofrem nova e

mais violenta carga policial. No dia seguinte à hora do almoço cerca de 4.000 trabalhadores fazem greve ao refeitório e reúnem-se junto do edifício da Administração para discutir os acontecimentos e exigir o termo rápido da arbitragem com a efectivação dos aumentos de salários pedidos.

Novamente são chamadas as forças repressivas que, desta vez, intervêm ainda com maior ferocidade espancando a torto e a direito, disparando centenas de tiros que feriram vários trabalhadores, alguns gravemente, tendo um de ser hospitalizado em perigo de vida, ao mesmo tempo que são feitas várias prisões. Durante todas estas violências com o objectivo de amedrontar os trabalhadores e levá-los a desistir da luta estes respondem com novas formas de acção e com o reforço da sua unidade. Durante 4 dias fazem greve no local de trabalho, provocando o atraso de todo o movimento aéreo. Só aceitaram retomar o trabalho depois de ne-

gociações com a Administração e desta ter aceite na quase totalidade as reivindicações apresentadas, incluindo a libertação dos colegas presos. A vitória dos trabalhadores da TAP é mais um exemplo de que com determinação, unidade e firmeza é sempre possível vencer mesmo a repressão mais violenta.

Os bancários dão um grande exemplo de combatividade

A luta dos empregados bancários contra algumas das cláusulas do novo CCT, particularmente a que estabelece novos horários de trabalho e a que cria o trabalho eventual, mobilizou praticamente toda a classe e mostrou mais uma vez a sua grande combatividade e sólida unidade.

Sabendo fazer uso das mais diversas formas de luta, entre as quais se incluem as numerosas manifestações que tiveram lugar por várias terras do país, com

(continua na 3ª pág.)



LUTA SINDICAL

Dirigentes de 16 sindicatos representando 160.000 trabalhadores, em declaração conjunta, desmascararam a Organização do chamado Congresso da Previdência que impediu a sua participação efectiva no referido Congresso.

Com efeito, tendo elaborado uma tese colectiva onde eram denunciadas a inexistência, as insuficiências e outras anomalias da Previdência a afectar muitos milhares de trabalhadores, os dirigentes sindicais viram-na retalhada pela Organização, truncada, suprimidas as partes mais significativas e, finalmente, foram eles próprios impedidos do uso da palavra nas várias secções do Congresso em que tentaram fazê-lo para dar a conhecer as partes suprimidas e a posição dos Sindicatos face ao Congresso. Isto deu lugar à apresentação dum enérgico protesto ao presidente da Mesa.

Metalúrgicos de Aveiro — Na continuação da luta contra a burla eleitoral os metalúrgicos de Aveiro tinham apelado para o Supremo Tribunal de Justiça da decisão desfavorável no processo de impugnação das eleições. Este tribunal acaba de decidir favoravelmente ao recurso, pelo que deverá realizar-se novo acto eleitoral.

Aos metalúrgicos de Aveiro impõe-se agora a mobilização de todas as suas forças, não se deixarem surpreender por novas manobras e ratoeiras dos laçaios do patronato, para assim conseguirem pôr à frente do sindicato uma direcção da confiança da classe.

Metalúrgicos de Lisboa — A classe continua a luta pela normalização da vida sindical, tendo sido enviado ao M. das Corporações um abaixo-assinado com mais de 3.500 assinaturas a exigir a realização das eleições. Esta situação anormal no Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa arrasta-se há quase 3 anos, desde que em Novembro de 1970 as autoridades fascistas suspenderam e depois destituíram a direcção da classe em exercício, substituindo-a por uma C.A. Será na medida em que os metalúrgicos conseguirem mobilizar a classe e interessá-la na vida sindical, realizando acções de massas, que mais rapidamente imporão ao fascismo a realização das eleições.

Metalúrgicos do Porto — Com a presença de cerca de 1.500 operários realizou-se uma assembleia para discutir a revisão das tabelas salariais e alargamento de âmbito do CCT. A presença de tão elevado número de operários é reveladora do seu interesse pela discussão dos problemas da classe.

Têxteis — No Sindicato dos Têxteis do Distrito de Setúbal (Barreiro), os laçaios do patronato conseguiram mais uma vez ficar ai antechados mediante uma mascarada de eleições em que a lista da classe foi impedida de concorrer por as autoridades administrativas, em descarado conluio com o patronato e seus laçaios, não terem entregue a tempo a documentação necessária re-

querida pelos componentes da referida lista. É indispensável ampliar a luta contra estas arbitrariedades, nomeadamente contra o decreto que as instituiu.

O facto da direcção ter sido «eleita» apenas por 25 votos, dos quais 16 dos próprios órgãos directivos, dá bem a ideia do «apoio» de massas que tem! Os operários impugnaram as eleições e não aprovaram o relatório e contas numa assembleia que se realizou posteriormente.

Lanifícios — Em fins de Julho realizou-se na barragem de Montargil um convívio de cerca de 1.500 operários da indústria de lanifícios de diversas regiões do país. Para além do carácter recreativo da reunião, em que foi representada uma peça de teatro sobre o quotidiano nas fábricas, os operários terão aproveitado a oportunidade para trocarem opiniões sobre os grandes problemas que afectam a classe.

Alarga-se o movimento de massas

(continuação da 1ª pág.)

Os chamados anti-eleitorais

O grupo dos demagogos «basistas», quando viu que a esmagadora maioria das 500 pessoas que representavam as Comissões de base no Plenário distrital de Lisboa rejeitavam a sua demagogia e oportunismo, abandonaram o Plenário. Alguns deles, espalharam um documento intitulado «Porque saímos da CDE». Outros subscreveram documentos em nome de comissões «anti-eleitorais», onde desencadearam uma campanha caluniosa, desinformadora e divisionista.

Para esses desagregadores, é «crime» lutar para unir na acção todos os que anseiam derrubar o fascismo e conquistar as liberdades democráticas. Alegam que «a luta contra os monopólios e pelas liberdades fundamentais tem como objectivo imediato a democracia e não o socialismo», o que significa, para eles, que não há que lutar pelas liberdades políticas, pelo direito à greve, pela liberdade sindical, por melhores salários e outras reivindicações imediatas das classes exploradas pelos monopólios. Para esses demagogos que substituem a acção pelo palavreado típico de intelectuais burgueses oportunistas, há que confinar a luta (em abstracto) ao socialismo!!

O Partido defende consequentemente uma política de unidade sem discriminações, mas também considera, tal como se afirma no documento de Julho do C.C., que «a defesa e o reforço da unidade continua a exigir não uma posição defensiva, mas um firme e constante combate ao oportunismo de direita e de esquerda, aos divisionistas, desagregadores e sabotadores da acção política de massas, o seu isolamento, o desmascaramento de cada uma das suas provocações políticas».

VIDREIROS — No Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande realizou-se uma assembleia em que participaram cerca de 500 operários e em que foram discutidos vários problemas da classe.

TRANSPORTES URBANOS DE LISBOA — O presidente deste sindicato, verdadeiro laçai do patronato e que há meses tinha sido forçado pela classe a demitir-se, foi finalmente substituído.

MOTORISTAS DE LISBOA — Num assembleia realizada neste Sindicato a classe obrigou o presidente da direcção (que recentemente passou a industrial) a demitir-se. A assembleia aprovou ainda um voto de desconfiança à direcção por, entre outros motivos, ter aumentado as cotas de 10 para 30 escudos sem sequer ter consultado os sócios. Tem interesse constatar aqui o contraste na atitude do M. das Corporações que em relação ao Sindicato dos Caixeiros se recusa há cerca dum ano a homologar a DECISÃO DUMA ASSEMBLÉIA GERAL do aumento de cotas.

SEGUROS DO PORTO — Realizaram-se eleições, tendo a direcção sido feita por 550 votos (37% do total dos Empregados de Seguros do Porto). Numa reunião realizada para a discussão do novo CCT participaram 500 trabalhadores. Foi ainda enviado um abaixo-assinado da classe ao governo com 800 assinaturas, pedindo a revogação dos decretos 106/172, 456/172 e 447/172.

O Encontro dos Liberais

O chamado Encontro de Liberais foi a expressão das contradições e da crise política em que se debatem certos sectores da burguesia até agora vinculados ao fascismo.

Que se pretendia com esse Encontro? Se para uns era uma tentativa de criar algo para colaborar com o Governo e substituir a falhada e semi-defunta Sedes, ou a criação de «nova» ala liberal, para outros era uma tentativa de dar corpo à chamada 3ª força. Parece poder dizer-se que falhará em qualquer dos objectivos.

Os democratas poderiam saudar as recomendações aprovadas (por escassa maioria!) no sentido da democratização da vida nacional e sobre o livre debate dos problemas nacionais, incluindo o problema colonial, se ao mesmo tempo não se verificasse que eles não querem as liberdades políticas para todos os portugueses, mas apenas para alguns e que tais recomendações visam criar a chamada 3ª força que pretende obter do Governo situações preferenciais como «única oposição possível». Alguns dos participantes podem divergir em aspectos parciais da orientação do Governo, mas não querem romper com a política fascista do regime, como se viu claramente no problema colonial, para o qual defendem a continuação da opressão colonial ou soluções neo-colonialistas.

Candidaturas nas colónias?

O aparecimento de candidaturas que pretendem fazer o jogo do Governo devem ser prontamente combatidas e desmascaradas. Tal é o caso das anunciadas candidaturas, ditas de «oposição», em Moçambique. Se tais candidaturas surgirem, elas nada têm de comum com o Movimento Democrático que defende o fim das



Manobras

Chegou a época das grandes manobras. Manobra o Caetano a ver se foge ao isolamento interno e externo que se aperta inexoravelmente em sua volta. Manobram os liberalizantes, que parecem dispostos a dar ao fascismo a oposição dócil de que necessita. Manobram os oportunistas de direita e de «esquerda», na mira de receberem o prato de lentilhas. Manobram os ultra-revolucionários, lançando-se ao «Expresso» como o urso ao mel. Todos têm um fim comum: dividir a Oposição e isolar o PCP. Não o conseguiram até hoje. E é quase certo que não o conseguirão também agora como pretendem.

Por quem?

Os liberalizantes vêm do ventre fascista. Seria louvável que, rompendo com o regime, contassem o que lá se passa. Afinal preferem chamar à colaboração maioistas e desagregadores para que dêem em público versões caluniosas e piadas do que se passa... na Oposição. Afinal, senhores, por quem sois e contra quem sois?

Rato podre

É conhecida a fábula da montanha que pariu um rato. Um tal S. Marques levou anos nas convulsões. Mas saiu! Sob a forma de «Cadernos», o segundo dos quais, com 80 páginas de propaganda anticomunista, distilando o clássico ódio dos renegados. Onde ele já vai, o desgraçado! O rato saiu, mas podre.

Aplausos

As agências noticiaram que em Praga se exibiu uma peça, cujo tema era a situação do país quando da acção da URSS e outros países do Tratado de Varsóvia em Agosto de 1968. As mesmas agências noticiaram que «se têm registado casas sempre cheias, ovindo-se fatos aplausos». Logo «O Século», publicando a notícia, pôs título de relevo: «Num teatro de Praga, aplausos para uma peça contra a invasão soviética». Afinal... a peça defendia precisamente a acção soviética e aqueles que na Checoslováquia a anolaram. Para esses as casas cheias. Para esses os aplausos. Por muito que doa ao «Século» e demais órgãos de desinformação.

guerras e a independência das colónias. Só os colonialistas e os que defendem soluções neo-colonialistas podem conceber a apresentação de candidaturas ditas de «oposição» ali onde os povos lutam de armas na mão pela independência a que têm direito.

Por uma grande campanha política de massas

No documento aprovado na reunião de Julho do C.C., afirma-se: «Com uma orientação justa, um tenaz trabalho de organização, um amplo trabalho de massas, um firme espírito unitário, podem ser alcançados, num futuro próximo, sérios êxitos na luta contra a ditadura fascista, contra a guerra colonial, pela liberdade.»

Os acontecimentos posteriores confirma que estão criadas condições essenciais, no plano unitário e de organização, para o desenvolvimento dum grande campanha política de massas, e fazer convergir e unificar numa mesma torrente centenas de milhares de portugueses na luta pela liberdade, pelo fim da guerra colonial, por uma vida melhor.»

Lutas nas Empresas

Paralisaram o trabalho em apoio da reivindicação de aumento de salários os operários da **Rabor** (duas horas), da secção de fundição da **Oliva** (20 minutos) e da **Camionagem Esteves**. Na **Rabor**, os operários já conseguiram o aumento.

Fizeram greve às horas extraordinárias, também em apoio do pedido de aumento de salários, os trabalhadores de **Moinhos de Santa Iria**, de **Águas do Luso** e da **Pedreira Cabrita**. Nesta última empresa (Alenquer) conseguiram 10\$00 diários de aumento. Na **Corfi**, os operários recusam-se a fazer horas extraordinárias como protesto por não lhes ser pago um subsídio a que têm direito.

Os trabalhadores das **Caves Messias** fizeram greve pela readmissão duma operária despedida, o que conseguiram.

Ameaçaram paralisar o trabalho as operárias da **Plastidom** (Leiria), o que obrigou o patrão a aumentar-lhes os salários.

Paralisaram o trabalho durante 2 horas os trabalhadores da noite do **Jornal de Notícias** e fizeram «cera» os do **Primeiro de Janeiro** para exigirem os 25% a que têm direito pelo trabalho nocturno.

Fizeram concentrações junto das gerências os operários da **Empresa de Lanifícios Tejo**, para imporem o cumprimento do CCT no que respeita às férias; os da **Alumina**, como protesto contra a ameaça de despedimento do delegado sindical e doutro operário, o que forçou o patrão a recuar. Os trabalhadores desta empresa estão a fazer «cera» como forma de luta por aumento de salários.

Conseguiram aumento de salários (210\$00 mensais) os operários e empregados da **Comina** como resultado duma recente paralisação; os motoristas e ajudantes da **Companhia Industrial de Portugal e Colónias** (40 e 25 escudos diários respectivamente) como consequência da «cera» iniciada em Maio; os operários da **Casa Hipólito** (cerca de 14\$00 diários), também em resultado da luta que vinham travando há meses. Nesta empresa mantém-se o descontentamento dos operários por o aumento ser inferior ao que reivindicavam.

Os 150 metalúrgicos dos **Estaleiros Navais do Mondego** conseguiram finalmente, pela via do tribunal, obrigar a empresa a pagar-lhes as diferenças

salariais e a repô-los nas categorias profissionais a que tinham direito.

Os 3.700 trabalhadores dos **S.T.C.P.** continuam a luta pelo pagamento do 7º dia. Uma Comissão de 20 trabalhadores, representativa das diversas secções e serviços, avistou-se com a Administração.

Os operários do 1º e 2º turnos da **Cofesi** (Espinho) recusaram-se a pegar no trabalho por o patrão ter alterado os horários a fim de fugir ao pagamento dos 25% de trabalho nocturno. Perante a GNR, que foi chamada para os amedrontar, os operários mantiveram-se firmes, o que forçou o patrão a manter os horários anteriores.

Na Abelheira UMA GRANDE VITÓRIA!

Finalmente, após quase 8 meses de luta, com ocupação permanente da empresa dia e noite, as centenas de operários da fábrica de papel da Abelheira recebem as indemnizações a que tinham direito, tendo conseguido que não lhes fosse descontado o subsídio recebido do FDMO durante esse período.

Foi uma grande vitória que os operários da Abelheira devem à sua combatividade, unidade e firmeza, à determinação que puseram na luta e à solidariedade e apoio material e moral de muitos trabalhadores. Nesta luta as mulheres desempenharam um grande papel ao lado dos homens, sendo a ocupação permanente da fábrica feita por elas em cerca de 70 a 80%.

Que a vitória dos operários da fábrica de papel da Abelheira fique como um exemplo e um estímulo à luta doutros trabalhadores como eles vítimas de constantes tentativas de exploração dos seus direitos por parte do patronato.

Como acentuou o CC na sua última reunião «A luta nas empresas é a principal frente de luta reivindicativa dos trabalhadores. Tornando inquebrantável a sua unidade, formando comissões, utilizando variadas formas de luta — reclamações, abaixo-assinados, concentrações, «cera», paralisações, greves, manifestações e desfiles nas ruas — os trabalhadores podem alcançar grandes vitórias na luta contra a exploração patronal e fascista».

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8,30 em 19, 20, 20,8 e 25 metros. Das 24,20 às 24,50 em 25, 26, 32 e 35 metros. Das 19 às 21 em 19 e 25 metros.

Aos Domingos, transmite também das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Luta nos Bancos e TAP

(continuação da 1ª pág.)

destaque para Lisboa e Porto, e a realização de assembleias, uma das quais, em Lisboa, reuniu cerca de 7.000 empregados e que foi uma verdadeira manifestação de repúdio e de protesto contra a decisão arbitral, em que a massa gritou em coro «greve», «greve», os empregados bancários recorreram a pequenas greves progressivas de 15 minutos até uma hora durante 4 dias sussecurivos (de 9 a 12 de Julho) ao recomenciar o trabalho após o almoço. Esta forma de luta, em que participaram a quase totalidade dos bancários de Lisboa e arredores e que provocou grandes ajuntamentos às portas dos bancos a partir das 14 horas representou um grande êxito da classe e foi mais um vigoroso protesto contra as decisões do tribunal arbitral contrárias aos seus interesses. Os bancários, tendo conseguido um aumento médio de 28%, que consideram insatisfatório prosseguem a luta por reivindicações não satisfeitas contra os despedimentos de alguns colegas.

Para se avaliar do estado de espírito da classe tem interesse referir que tendo corrido em Lisboa que tinha morrido no hospital um operário da TAP gra-

vemente ferido a tiro pelas forças repressivas na agressão do dia 12, em todos os bancos de Lisboa, no mesmo dia e à mesma hora, foi feito 1 minuto de silêncio (a 100%), cujo significado foi em seguida explicado aos clientes.

SOLIDARIEDADE

As vigorosas lutas dos trabalhadores da TAP e bancários foram alvo de manifestações de solidariedade dos seus camaradas franceses.

O SINDICATO DO PESSOAL DA «AIR FRANCE» dirigiu uma carta ao Embaixador de Portugal em Paris em que protesta em nome dos seus milhares de filiados contra a repressão policial exercida sobre os trabalhadores da TAP, exige a sua cessação e que o governo português reconheça as liberdades sindicais. O mesmo Sindicato dirige-se ainda ao director da Tap protestando contra a repressão e exigindo a satisfação das reivindicações, o reconhecimento do direito de greve, libertação dos trabalhadores presos e fim dos despedimentos. Também a Federação Francesa dos Empregados e Quadros do Comércio, do Crédito dos Seguros, da Segurança Social e diversos informa a massa dos seus aderentes da luta dos empregados bancários portugueses e das condições em que se desenvolvem, das reivindicações, denuncia a repressão e apela para a solidariedade activa aos seus colegas de Portugal.

Quem faz a vida cara

Depois de ter sido anunciado pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa o aumento dos preços dos transportes colectivos a partir de Agosto — isto no momento em que a própria Câmara tomava conta da maioria do capital da empresa — foi a vez da Câmara do Porto aprovar em Julho passado o aumento do preço da água.

Verifica-se assim que o governo dos monopólios, enquanto por um lado congela os salários dos trabalhadores a fim de proteger os lucros dos capitalistas, por outro promove o que permite que as próprias câmaras municipais aumentem os preços de bens e serviços que o povo não pode dispensar e que vem afectar sobretudo a vida das classes trabalhadoras. São pois as próprias autoridades, aliadas ao capital monopolista, quem faz a vida cara.

Segundo um dos jornais que dava a notícia do aumento do preço da água no Porto, esse aumento vai desde \$80 a 4\$80 por metro cúbico, ou seja de 25% a 150%, proporcionando aos respectivos serviços um aumento na receita anual de mais de 65%. Um autêntico escândalo!

Protestar contra a vida cara, contra os aumentos dos preços dos transportes, da água e outros bens e serviços, das rendas de casa, da carne etc., exigir o aumento de salários é o caminho que se apresenta aos trabalhadores para sustentar a contínua subida do custo de vida e melhorarem a sua situação!

— x x x —

Monopólios & preços

A concentração monopolista, que se vem processando continuamente em todos os sectores da economia nacional, aumenta a ganância dos lucros e é um dos factores da galopante carestia de vida. Eis um exemplo, entre os muitos, desta realidade:

A Companhia Portuguesa do Ar Líquido (CPAL), antiga L' Air Liquide, ramo directo da companhia francesa do mesmo nome, existe há mais de 30 anos. Entretanto constituiu-se a GASIN, que entra em acordo pleno com a CPAL, praticando-se nessa altura os seguintes preços:

— Oxigénio industrial — 12350 Kg
— Acetileno — 24500

— Oxigénio medicinal — 20500

Mais recentemente, forma-se a OXINORTE que obtem alvará para executar preços bem mais baixos dos então praticados. Nesta fase de concorrência, os preços passam a ser:

— Oxigénio industrial — 3550

— Oxigénio medicinal — 4 a 6500

Esta situação dura aproximadamente 2 a 3 anos, findos os quais sobrevém desinteligências na OXINORTE, com um dos sócios a querer vendê-la à CPAL, o que acaba por acontecer. Consequência imediata o aumento brusco dos preços, com a CPAL com o monopólio dos produtos:

— Oxigénio industrial — 10550

— Acetileno — 47500

Mas para a Cuf (que poderia produzir o seu próprio gás) o preço do oxigénio industrial é apenas de 4500!

De resto em Lisboa, como a SOGAZ tem como principal accionista a CPAL, nunca houve «problemas».

Como se vê o «ciclo infernal» não é da subida dos salários a provocar a subida dos preços. No Relatório do Banco de Portugal, 1972, pode ler-se que «se terá verificado uma relativa estabilização dos salários reais em Lisboa e Porto» e basta verificar os aumentos de preços em 1972, para se concluir da descida dos salários reais no país. Segundo o relatório os preços ao consumidor aumentaram 10,6% em Lisboa, 11,1% no Porto, 9,9% em Coimbra, 9,1% em Évora, 9,8% em Viseu e 17,1% em Faro.

A Juventude na luta

Em todo o país, e nomeadamente em Coimbra, Aveiro, Porto, Leiria, Santarém, Lisboa, Setúbal têm-se efectuado largas reuniões em que os jovens trabalhadores discutem as suas reivindicações, a participação na luta democrática, contra a guerra colonial, pela melhoria das condições de vida ao mesmo tempo que lançam diversas iniciativas para a mobilização da juventude.

Paralelamente, realizaram-se nos últimos tempos várias reuniões de coordenação à escala nacional e distrital, unificando objectivos e iniciativas.

Além dos convívios e jornadas de confraternização e luta em várias localidades, grande actividade de propaganda e agitação tem sido levada a cabo referente aos problemas dos jovens e ao X Festival da Juventude e dos Estudantes de Berlim. Os selos, tarjetas e inscrições sobre o Festival foram colados por toda a parte. Idêntica expansão teve o emblema e as brochuras, boletins e documentos de trabalhadores e esportistas divulgando a realização e objectivos anti-imperialistas, pela paz e a amizade da grande jornada

mundial da juventude.

Simultaneamente foi realizada agitação contra a guerra colonial e contra a repressão, salientando-se as tarjetas exigindo a libertação do jovem Alvaro Pato, que continua nas mãos dos torturadores da PIDE-DGS. É impossível referir todos os locais onde se efectuaram agitações e inscrições, que os polícias tiveram dificuldade em fazer desaparecer.

Um dos pontos altos da actividade da juventude trabalhadora deveria ser o Encontro Nacional, marcado para fins de Junho em Leiria, impedido pelas forças repressivas que para ali acorreram em grande força. Os primeiros a chegar, jovens de Lisboa e Setúbal vindos em 2 autocarros a que se juntaram outros de Leiria e Coimbra (centena e meia), foram cercados por 50 pides, guardas da GNR e PSP armados de bastões e metralhadoras, que os interrogaram, identificaram e ameaçaram, acabando por os forçar a regressar. Um autocarro com jovens do Porto começou a ser alvo, desde Gaia, de intercepções, provocações e ameaças pelas forças policiais, foi escoltado em Leiria

por 4 viaturas da GNR e 2 Jipões da PSP, tendo as forças policiais cercado os jovens em S. Pedro de Moel, obrigando o regresso pela força. Em Coimbra, todos os jovens foram identificados e revistados.

Pese todo o aparato policial, os jovens não se intimidaram prosseguindo o seu caminho até onde puderam e utilizando outras formas de contactos para prosseguir os objectivos do Encontro. Assim foi possível assegurar a coordenação da participação dos jovens no X Festival, e aprovados os documentos, moções e mensagens a levar pela delegação portuguesa, bem como outras iniciativas no mesmo sentido.

Os jovens trabalhadores prosseguem a sua luta, cuja base de massas não cessa de se alargar. Deve salientar-se o dinamismo das Comissões Democráticas de jovens, cuja actividade regular é notória em conjugação com as Comissões Distritais do Movimento Democrático, abrindo largas perspectivas para a grande campanha política de massas em curso.

Araújo Pinto evadiu-se

Araújo Pinto, foi preso no mês de Julho de 1972 pela PIDE-DGS, na cidade do Porto. Sujeito à cruel tortura do sono durante 17 longos dias e noites, Araújo Pinto recusou-se firmemente a prestar quaisquer informações sobre a sua actividade revolucionária.

Como Araújo Pinto tinha desertado das forças armadas, a PIDE-DGS entregou-o ao Exército fascista para este o julgar e condenar.

Nos fins de Junho, Araújo Pinto evadiu-se corajosamente do presidio militar da Trafaria, reconquistando assim a liberdade para retomar o seu posto de luta. Na mensagem de saudação enviada ao Comité Central, Araújo Pinto saudou « todos os funcionários e militantes do Partido a que me orgulho de pertencer » e manifesta a sua emoção por « estar de novo junto de vós, para ombro com ombro prosseguirmos a missão histórica que nos cabe, a luta pelo triunfo da revolução democrática e nacional, da revolução socialista e pela construção do comunismo ».

Que cessem as TORTURAS!

A PIDE-DGS tem generalizado a tortura do sono a quase todos os presos e a alguns essa cruel tortura é levada até ao limite da resistência física.

Todos os que foram sujeitos à tortura do sono sabem que essa cruel tortura não deixa indícios visíveis de maus tratos. Mas a privação do sono pode « por si só dar origem a perturbações psicológicas graves », tal como afirmou num jornal o psiquiatra Dr. Albuquerque. É o prof. Barahona Fernandes chamava a atenção num seu livro para as « perturbações e danos que a privação do sono pode causar àqueles que a sofrem ».

A luta contra as torturas policiais desenvolve-se e assume formas variadas. O III Congresso da Oposição Democrática aprovou a seguinte moção proposta por uma Comissão de Médicos Democratas: « Considerando que:

— A tortura física e psíquica constitui procedimento atentatório da dignidade humana;

— Tal procedimento é largamente usado, quer em Portugal quer nas colónias pelas forças repressivas (policiais e forças armadas) que apoiam o regime político e o sistema sócio-económico que ele encarna;

— Em tão aviltante actividade, não raramente, participam directamente ou indirectamente médicos;

Propõe:

— 1º Que a denúncia da tortura e a luta contra esta e outras formas de repressão se inscreva como uma das mais veementes recomendações deste Congresso.

— 2º Que se pressione a Ordem dos Médicos no sentido de que proceda a inquérito às actividades daqueles dos seus membros que ao serviço das forças

repressivas colaboram directa ou indirectamente na tortura de prisioneiros e que adopte em relação aos mesmos medidas concretas, designadamente a denúncia pública e expulsão da classe.»

São frequentes as acções dos democratas e dos trabalhadores contra a repressão e as torturas. Recentemente foram enviados vários abaixo-assinados à Presidência do Conselho: um de mais de 300 assinaturas da região de V. F. Xira em defesa dum operário da fábrica de Lapidação de Diamantes; um de 370 assinaturas de Lisboa e Barreiro, outro de 45 assinaturas de operários da Mague, um telegrama dum reunião inter-freguesia do concelho de V. F. de Xira em defesa do jovem Alvaro Pato, que esteve 10 dias na tortura do sono; um de 42 assinaturas de operários da Mague em defesa do padre da Lixa. Os Estudantes de Lisboa realizaram várias acções em defesa do estudante do I.S.T. Carlos Costa, que esteve 17 dias na tortura do sono. Em defesa do destacado democrata José Gouveia, que em consequência das torturas a que foi sujeito foi internado no hospital Miguel Bombarda, têm sido distribuídos por todo o país milhares de manifestos do movimento democrático e enviados inúmeros telegramas exigindo a sua libertação.

Denunciar mais e mais as cruéis torturas a que a PIDE-DGS continua a sujeitar os presos políticos, exigir a presença de advogados nos interrogatórios e desenvolver a luta para forçar o governo a cessar as torturas aos presos, é um problema de consciência que se coloca não só aos democratas mas a todas as pessoas honestas.

JOSÉ MAGRO: 20 anos de prisão!

No dia 23 de Outubro próximo J. Magro completa 20 anos de cadeia! Preso pela 3ª vez em Maio de 1962, após, ter-se audaciosamente evadido em Dezembro de 1961 da cadeia de Caxias com outros companheiros, quando já tinha passado nas prisões fascistas quase 9 anos, só em 1975 J. Magro terminará as penas a que desta vez foi condenado. Trata-se dum patriota que tem dedicado toda a sua vida à luta contra o fascismo, em liberdade ou na prisão, na vida legal ou na clandestinidade, que sempre soube enfrentar com coragem e dignidade os esbirros do nosso povo.

J. Magro está gravemente doente, tem a saúde arruinada por todos estes anos de torturas e maus tratos da Pide e dos carcereiros, de privações, de precária assistência médica dos males de que padece e que contraiu ao longo de todos estes anos de cárcere. A continuação da prisão põe seriamente em perigo a sua vida. É preciso obrigar o fascismo, cujo objectivo é liquidar fisicamente os presos políticos a-

través de infindáveis anos de cadeia e de uma dura vida prisional, a libertar J. Magro. Lutar pela libertação de J. Magro é, pois, um dever de todos os antifascistas, de todos os homens e mulheres de coração. Que durante o mês de Outubro, data em que completa 20 anos de cadeia, cheguem ao chefe do governo, ao tribunal, à prisão, milhares de cartas, postais, telegramas exigindo a sua libertação, exigindo Amnistia! Libertemos J. Magro!

Como J. Magro, outros patriotas se encontram nas cadeias fascistas (alguns também já com longos anos de prisão e também gravemente doentes) que o fascismo tudo fará para lhes arruinar completamente a saúde se antes o nosso povo os não arrancar de lá, por cuja libertação é igualmente necessário continuar a luta. Estão neste caso António Dias Lourenço, Rogério de Carvalho, Angelo Veloso, António Gervásio, Manuel Pedro, Dinis Miranda, Carlos Domingos, Horácio Rufino e outros. Avante na luta pela libertação de todos os presos políticos! Avante na luta pela Amnistia!

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

À memória de Amitcar		Gaiota vermelha	1.050\$00
Cabral	645\$00	Guilherme Carvalho	175\$00
À memória de Guilherme		Industrial democrata (G)	100\$00
Carvalho	290\$00	Jovens vermelhos (V)	40\$00
Abalixo a guerra		Lusitano (Fev-Março)	105\$00
colonial (2)	2.500\$00	Lusitano	50\$00
Álvoro Cunha	3.200\$00	Maria Machado	100\$00
Amigo do Oeste	1.500\$00	Metalúrgicos revolucionários	75\$00
Amigos do Partido (91)	155\$00	Minhoto resistente (B)	60\$00
Amigos do Partido (91)	155\$00	Minhoto resistente (B)	40\$00
Amigo novo	500\$00	Outubro Vermelho	1.000\$00
Bento Jesus Carapa	1.000\$00	Pela libertação da Guiné	2.000\$00
Camaradas emigrantes		Por um Ribatejo organizado	300\$00
(Maio)	155\$00	Revolucionário em França	130\$00
Campanha da Páscoa	631\$00	Trabalhadores vermelhos	
Camponeses ribatejanos	50\$00	(S.O.)	645\$00
Catarina Eufemia (Fevereiro, Março)	200\$00	Um antifascista	40\$00
Catarina Eufemia (Maio)	520\$00	Um jovem marxista	400\$00
Catarina Eufemia (Brux.)	175\$00	Um marxista	35\$00
Democrata firme	20\$00	Um vermelho em Compiègne	50\$00
Dias Coelho	200\$00	Viva o PCP	300\$00
Dois amigos do P (CC)	100\$00	Quatro cravos verm. (Fev.)	180\$00
Dum fado macaco	1.100\$00	4 Cravos vermelhos	130\$00
Emigrantes vermelhos	200\$00		
		TOTAL:	26.461\$00

RESISTÊNCIA NOS QUARTÉIS

MAFRA (E.P.I.) — O juramento de bandeira em Abril foi feito à porta fechada, o que representa uma grande derrota para os fascistas que pretendiam fazer dos juramentos de bandeira uma grande jornada de propagação fascista e colonialista. Mas o que sucedia era que a maioria esmagadora dos cadetes ficaram mudos na cerimónia de juramento e a população que assistia à farsa apercebia-se perfeitamente do «Não» desses jovens à guerra colonial.

Na «semana de campo» do 1º ciclo, em Julho, quando um «poletão» sofreu um «ataque» por parte do «inimigo» os cadetes demonstraram bem o que pensam da fantochada. Em vez de se defenderem e contra-atacarem, como estava determinado que fizessem, bateram palmas.

ALFEITE — No ensaio da véspera do juramento de bandeira dos cadetes da Reserva Naval estes recusaram-se a jurar, declarando que não tinham nada que jurar pois estavam «já obrigados». Chamados individualmente ao Com. 1º, aceitaram jurar no dia seguinte. Entretanto, mais de metade não jurou.

ABRANTES (R. 1, 2) — No dia 25-6 foram expulsos do refeitório 300 soldados «por estarem a fazer muito barulho». Protestavam contra o rancho. Quando fora do refeitório, o oficial tentou formá-los. Eles recusaram-se. Foram utilizados atfalfantes, o oficial berrou, mas os protestos e gritos dos soldados abafaram esses berros. O oficial fez tocar a pique (terá mesmo tentado distribuir munições), mas este não obedeceu, numa recusa aberta de atacar os seus camaradas em luta. A resistência unitária dos soldados fegorar a tentativa de agressão terrorista. Foi chamado o Com. 1º, que após discutir com os soldados teve de admitir que o oficial se tinha «excitado demasiado» e que o rancho não era bom. Como resultado desta luta o rancho foi melhorado e o tal oficial «baixou a bolinha».

TANCOS (E.P.E.) — Em fins de Abril os cadetes do 2º ciclo fizeram um levantamento de rancho.

Em 7-6 idéntica tentativa por parte dos cadetes e aspirantes perante a pouca e má comida fracassou devido às ameaças dos oficiais e à falta de preparação. Deram-se em seguida alguns actos de resistência passiva a que os oficiais «fecharam os olhos», como o não comparecerem à revista uniformizados conforme o regulamento, etc.

No dia seguinte, 8-6, perante a repetição da pouca e má comida, o levantamento consumou-se. As ameaças, pedidos e desculpas do oficial de dia e do Com. 1º os aspirantes e cadetes responderam com a sua recusa firme e a sua unidade: não comeram. O rancho melhorou sensivelmente a partir desse dia.

Paralelamente a estas acções, em vários quartéis tem sido feita agi-

tação contra a guerra. Inscricões, espalhamento de exemplares da IR FA, colagem de vinhetas, distribuição de tarjetas e comunicados, em que se denuncia a guerra e se exige o seu fim, têm sido processos largamente usados pelos militares anticolonialistas.

Tal como concluiu o CC na sua reunião de Julho «Nas FORÇAS ARMADAS, apesar da intensificação da vigilância e da repressão, da espionagem, dos sistemas de escuta, das buscas, dos castigos, processos e prisões, desenvolve-se a resistência e a luta de soldados, sargentos e oficiais».

NADA PODERÁ SALVAR O COLONIALISMO!

A ninguém escapa a progressiva deterioração da situação militar do exército colonial, o dinamismo do movimento e das acções populares contra a guerra em Portugal, o isolamento internacional do fascismo mesmo em relação a forças que até há pouco cobriam os seus crimes em África.

O próprio M. Caetano não se mostra muito seguro. Na sua «conversa» em família de Julho — tenta esforçadamente encontrar novas justificações para o prosseguimento da guerra e do colonialismo português. Marcelo grita que lhe acudam os reaccionários do mundo, pintando negro o quadro das calamidades da independência das colónias portuguesas: «seria catastrófico para os que vivem em Angola e em Moçambique. Catastrófico para os destinos da África Austral. Catastrófico para a Europa. E até, em última análise para o equilíbrio e a paz no mundo.» Está a ver-se quais as tábuas de salvação por que espera.

O fascismo está aflito. Perante o ascenso da luta contra a guerra no nosso país e as possibilidades de aproveitamento pelo povo e pelos democratas da próxima campanha eleitoral, M. Caetano refere a intensificação da «subversão» contra o «ultramar» português — e ameaça a juventude, os meios sindicais, os democratas.

Mas numa coisa inovou M. Cae-

tanho nesta «conversa»: nunca menciona a Guiné entre os territórios que é necessário salvar.

A situação política e militar na Guiné

Não se trata dum lapsus. Como não é por acaso que o neófito liberal-neocolonialista Spínola tenha todos os meios de informação ao seu dispor para proclamar que o exército já fez tudo o que podia, que a solução deve ser encontrada no plano político (declarações ao «Estado de S. Paulo»).

A real justificação desta modificação da propaganda fascista reside nos êxitos no terreno militar e político do PAIGC.

Ao mesmo tempo que Spínola, com os seus homens de mão (e entre estes Alpoim Galvão que comandara a tentativa de invasão da República da Guiné e agora foi na Polícia Marítima tentar obter informações e preparar outros golpes através do contrabando), tramavam o assassinato de Amílcar Cabral, tentaram levar a cabo um plano de penetração nas zonas libertadas. Para tal concentraram os bombardeamentos no sul da colónia, nomeadamente no Cantanhês, Cufar Balanta, Morés, Tombali, nada poupando, ao mesmo tempo que tentavam levar a cabo o chamado plano «psico-sócio-económico».

Em poucos meses se verificou que as esperanças de reconquista eram vãs. O aparecimento de novas armas nas mãos dos patriotas, como os foguetões, paralisaram a força aérea ou forçaram a vôos a mais de 2.000 metros impedindo a precisão dos ataques dos colonialistas. Do mesmo modo as forças terrestres ficaram à míngua de reabastecimentos, socorros e cobertura. Estradas estratégicas como as de Manpatá-Cumbijá e Cadique-Jemberem tiveram de ser interrompidas pela reacção das forças do PAIGC e pela recusa dos africanos trabalharem nelas. A operação de ocupação de Nhacohá saldou-se por um fracasso e dezenas de baixas. Bases como as de Chugué e Guilege, ficam isoladas, abandonando os colonialistas por abandonar mais recentemente a última em desordenada retirada.

A Marinha passou a ser também atacada eficazmente, como o demonstra o afundamento de 2 batelões no rio Bedanda do Sul

que teimosamente continua três guerras coloniais. Ela está, em segundo lugar, no desprezo que sentem os oficiais militaristas e colonialistas pela vida e pela integridade dos soldados.

Os jovens soldados devem responder com a resistência e recusa colectivas à instrução sem condições de segurança, protestar contra a guerra colonial, opor-se a ela, desertar das fileiras do exército colonialista!

por minas aquáticas. Entretanto a Base Aérea de Bissau e o Emissor de Nhacra são sobrevoados por «Migs», ao mesmo tempo que começam a surgir carros blindados nas forças do PAIGC.

O projecto de Spínola forçou ao desguarnecimento do Norte. E viu-se então uma intensificação sem paralelo das acções dos patriotas sobretudo em Guidage, Binta, Bigene, Canturé, Bula e Jolmete. Em 15 dias Guidage é alvo de 30 ataques. As guarnições colonialistas ficam mesmo sem munições. Uma coluna de reabastecimento a Guidage é atacada numa emboscada, fuge deixando 4 mortos e levando mais de 20 feridos, abandonando 4 «Berliets» com todas as munições. Só nesta zona, o nº de mortos ultrapassa os 30 num mês, com mais de 100 feridos. Os militares protestam, revoltados, incluindo os marcenários (uma companhia de mandingas rebelou-se exigindo a retirada). Aumentam as deserções, inclusivé de especialistas.

O moral das tropas atingiu o seu mais baixo nível, que abrangendo mesmo militares de alta patente. O comandante da Região Militar da Guiné esteve preso 10 dias por ter apoiado a recusa da força aérea em levantar vôo. O major que foi forçado a abandonar Guilege está preso em Bissau. O capitão Pereira da Costa foi punido com 5 dias de prisão por se ter recusado a escoltar Spínola numa deslocação a 60 km de Bissau.

Na rápida deterioração da situação na Guiné para os colonialistas portugueses se poderá encontrar a base dos novos «argumentos» marcelistas sobre a defesa da África Austral e porquê um deputado «liberal» explicitou publicamente que a Guiné, por se situar na África Tropical, é um caso diferente...

Porém, como o afirmou em Junho o Comité Central do PCP «aproxima-se o dia em que o governo, se antes não for derubado, depois de ter acusado de «traição nacional» os que exigem o fim da guerra, negociações, o reconhecimento do direito dos povos à independência, será ele próprio forçado a procurar uma solução política, que se esforçará que seja demagógica e neocolonialista, mas será o toque de finados do colonialismo português».

A Televisão ao serviço da PIDE

A Televisão é hoje um dos principais instrumentos dos monopólios e do fascismo no campo da desinformação, da mentira e do ódio a tudo o que é progressista. O carácter tendencioso da Televisão, a mediocridade dos seus programas, são de tal modo conhecidos que até alguns deputados e jornais a isso se têm referido.

Os principais dirigentes e colaboradores da Televisão (os Valadões, os Dutras, os Coitos e C.), são uma espécie de rebulhão. Esse conjunto de fascistas e serventários dos monopólios colocam abertamente a TV ao serviço da PIDE-DGS. Em Abril, a Televisão voltou a usar os seus ecrãs para transmitir as fotografias de destacados dirigentes do PCP (Jaime Serra, Francisco Miguel) e outros perseguidos políticos, numa tentativa para os localizar e prender.

Durante a realização do Congresso Democrático de Aveiro, a Televisão só transmitiu imagens (bem poucas) que procuraram dar uma falsa aparência da forma como decorria o Congresso. Mas, OS OPERADORES DA TELEVISÃO ESTAVAM LA HORAS A FILMAR. Se tais filmes não eram para projectar na TV e

informar o povo português, torna-se evidente que se destinavam à PIDE. Foi por tudo isso que milhares de congressistas, justamente indignados, expulsaram a Televisão da sala, no último dia do Congresso, aos gritos de «FORA! FORA!»

A TV é uma empresa monopolista que está a ter milhares de contos de lucros líquidos. Ela recebe anualmente centenas de milhões de contos pela publicidade que instila a torto e a direito. Apesar desta enorme fonte de receita, os possuidores de televisores ainda têm de pagar uma elevada taxa anual, que soma anualmente mais umas centenas de milhões de contos.

A TV é uma empresa monopolista inteiramente deotada à propagação fascista. Tem-se colocado abertamente ao serviço da PIDE-DGS e encontra-se vedada à quase totalidade dos intelectuais e artistas progressistas. Mas é o povo português e são os possuidores de televisores que pagam as centenas de milhões de contos que a TV movimenta e arrecada em lucros. Sendo assim é legítimo que todas as pessoas se recusem a pagar taxas cobradas pelo monopólio fascista da Televisão.

Acentua-se o isolamento internacional do fascismo O FRACASSO DE M. CAETANO

A visita à Grã-Bretanha de M. Caetano saldou-se num dos maiores fracassos de sempre da política externa do fascismo. As repercussões desse malogro puseram em foco a condenação do regime e da sua política colonial.

No entanto, a camarilha caetanista tinha preparado todos os condimentos para um sucesso. Antecipara as comemorações para que as visitas se realizassem numa altura em que o fascismo perde terreno na arena internacional. Garantira a cumplicidade do governo conservador inglês. Levava na bagagem de Patrício um dossier recheado de concessões ao imperialismo britânico. Caetano jogaria na carta do sorriso e na inovação, relativamente a Salazar, de sair para o estrangeiro. Nem faltava miss Caetano, para o efeito vestida nos costureiros de Paris...

Simplesmente os fascistas não tiveram em conta a evolução da situação mundial. Não viram que o fim da guerra fria, o clima de distensão internacional, nomeadamente na Europa, é um factor de isolamento do fascismo, dificulta as ajudas dos seus amigos e facilita o desmascaramento do seu carácter repressivo.

Este erro de cálculo foi fatal a Caetano. A sua visita provocou um clamor massivo de protestos e manifestações, fê-lo sofrer as maiores humilhações. O programa da visita foi mantido secreto até à última hora. Caetano teve que entrar pela porta do cavalo na residência do Sr. Heath. Esvaziaram edifícios e museus para evitar as manifestações exigindo o cancelamento da visita. Um séquito de mais de 100 polícias seguiu o ditador por toda a parte para o proteger da cólera popular. Manifestações eclodiram todos os dias, como a que juntou à chuva mais de 10.000 pessoas que desfilarão durante 3 horas.

O Partido trabalhista, passou dum discreta desaprovação da política do governo português para uma declaração pública da sua hostilidade, conseguindo forçar um debate no parlamento para o cancelamento da visita — facto raro durante a visita dum dirigente estrangeiro. Juntamente com o Partido Liberal, decidiu o boicote de todas as manifestações oficiais.

Os massacres coloniais

A imprensa e publicações portuguesas, clandestinas ou na emigração, bem como a imprensa progressista estrangeira, há muitos meses vinha denunciando os massacres de Tete. Haviam tido grande repercussão as declarações documentadas do Pe. Luís Afonso Costa, expulso de Moçambique e na altura exilado em Roma.

A viagem de M. Caetano projectou os crimes cometidos pelas tropas colonialistas para a primeira página da actualidade mundial. Denúncias e depoimentos em todos os grandes jornais e revistas (até no «Paris Match»), com um número de

provas e precisões vieram corroborar cabalmente as do Pe. Hastings. Os frouxos ou grosseiros desmentidos dos fascistas nenhum crédito alcançaram.

O Papa condena num discurso, em 15/7, os crimes cometidos.

As confissões

Ficámos a saber pela boca de M. Caetano, na sua conversa em família de 26-7-73, que «é muito difícil evitar que haja, aqui ou ali, alguns excessos na reacção dos que são agredidos». Sabemos bem o que significa «alguns excessos» em linguagem colonialista. Também pela boca do ultra Kaulza ficámos a saber «que se registaram casos em que civis foram mortos ou feridos quando o exército se tira obrigado a bombardear acampamentos de terroristas em aldeias civis» e que «foram provados casos de excessos».

Finalmente a nota do Departamento da Defesa Nacional informa ter sido feito «rigoroso inquérito» do que mostrou serem falsas todas as acusações (!) mas que, se ajuizou que pelo menos num caso (noutro ponto) «foram praticados actos reprováveis» !!

Os governos dinamarquês e holandês pedem um inquérito internacional. Deputados comunistas e socialistas franceses exigem que o seu governo tome uma atitude. 22 deputados social-democratas da RFA fazem o mesmo junto do governo de Willy Brandt. Estas são apenas algumas das reacções internacionais que se desencadearam em países que, mais ou menos abertamente, têm sido apoios do fascismo e o ajudam a manter.

Pior a emenda...

Que fazer perante as consequências de tão malfadada visita? Pois outro remédio não tiveram do que desencantar do velho arsenal

Morreu um grande revolucionário: WALTER ULBRICHT

Com a morte do camarada Walter Ulbricht, a classe operária alemã e o proletariado de todos os países perderam um dos seus mais destacados dirigentes. Ulbricht iniciou bem jovem ainda a sua longa vida de militante operário e revolucionário. Ele foi um dos grandes obreiros do Partido Comunista Alemão e um dos principais fundadores do Partido Socialista Unificado da Alemanha, saído da fusão do P.C. com o P. Social Democrata. Foi um destacado dirigente da Internacional Comunista e um valoroso combatente da Guerra Civil de Espanha. Foi um fiel discípulo de Lênine e um dos seus companheiros de luta, assim como de outros destacados dirigentes da Alemanha e da Internacional Comunista, tais como Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Thaelmann, Dimitrov, Thorez, Togliatti.

Durante muitos anos, Ulbricht foi o 1.º Secretário do C.C. do Partido Socialista Unificado da Alemanha e Presidente do Conselho de Estado da República Demo-

salazarista... uma manifestação «espontânea»!

É aproveitar, meus senhores! Viagem a Lisboa paga e mais 150\$00 para o tacho! Estas eram as condições em algumas cidades do Norte. Na margem sul e Ribatejo, os zelosos camarários multiplicavam tolerâncias de ponto, subsídios, chegando mesmo a fiscalizar na partida aqueles que estavam faltosos, orquestrando os aplausos durante a «espontânea». Mas o entusiasmo escasseou notoriamente. M. Caetano, cujo depudor está atingindo o inacreditável, confessou-se «muito surpreendido» com o acolhimento. E o seu discurso foi na circunstância uma confissão da sua desilusão com a digressão que contava triunfal.

Pesada derrota para o fascismo e, pessoalmente, para o seu chefe.

Uma delegação do PCP NO VIETNAM HEROICO

No fim de Julho estive na República Democrática do Vietnam uma delegação do Comité Central do PCP constituída pelos camaradas Blarqui Teixeira e Jaime Serra.

Durante a sua estadia de 10 dias a delegação manteve conversações com vários dirigentes do Partido irmão e entregou uma mensagem de saudação do CC do PCP ao Partido dos Trabalhadores do Vietnam.

O «Avante» manifesta a sua grande satisfação pela ida de uma delegação do CC do Vietnam heroico. No próximo número do «Avante» pensamos poder dar mais informações sobre a estadia da delegação, assim como sobre a mensagem entregue.

crática Alemã. Ele foi o destacado dirigente alemão na luta pela revolução democrática anti-fascista, na revolução socialista e na edificação de uma sociedade socialista avançada. A criação, o desenvolvimento e o reconhecimento da R.D.A., que se tornou numa das maiores potências industriais e num dos principais baluartes da paz e do socialismo, está estreitamente vinculada à vida e à abnegação revolucionária de Ulbricht.

Toda a vida de Walter Ulbricht constitui um belo exemplo de fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo do internacionalismo proletário. «O nosso Partido — afirmou Ulbricht — não pode cumprir as suas tarefas se não estiver fraternalmente aliado ao PCUS, aos P.C. e Operários dos países socialistas e dos Estados capitalistas, bem como aos partidos democráticos populares dos países libertados. O Internacionalismo foi e será uma questão vital para o socialismo alemão.»

Walter Ulbricht morreu. Mas o

15.º Aniversário da Revista Internacional

No decurso deste mês de Setembro completa 15 anos de publicação a Revista Internacional «Problemas da Paz e do Socialismo», fundada em Março de 1958 numa Conferência de representantes dos Partidos Comunistas e Operários, reunida em Praga.

«Problemas da Paz e do Socialismo» tem dado ao longo da sua existência uma preciosa contribuição ao esclarecimento, na base do marxismo-leninismo, dos problemas teóricos e da estratégia e tática do movimento revolucionário contemporâneo, à coesão dos partidos irmãos, à análise dos problemas políticos, ao conhecimento e intercâmbio de experiências da actividade revolucionária dos diversos destacamentos do movimento comunista e operário quer através dos valiosos materiais inseridos nas suas páginas, quer através de Conferências teóricas, Simpósios, intercâmbio de opiniões e Colóquios que periodicamente organiza.

«Avante» sauda muito cordialmente este órgão do movimento comunista internacional.

Festa da «Unita»

Realizou-se no mês de Maio, em Turim, o festival do jornal «UNITA», órgão central do Partido Comunista Italiano. Sendo uma festa dos trabalhadores e do povo da Itália, é ao mesmo tempo uma manifestação de solidariedade internacionalista.

Na rua principal encontrava-se o stand de Portugal, no qual um grande painel, representava os aspectos mais salientes da luta do povo português contra o regime fascista e colonialista. A luta contra a repressão e de denúncia dos crimes fascistas ocupava um largo espaço. Duas grandes fotografias de Dias Lourenço e de José Magro enchem um dos painéis, reclamando-se a sua libertação.

O «AVANTE» também esteve presente no festival. Foi-lhe dedicado um painel no qual se reproduzia, aumentado, o número alusivo ao 50.º aniversário do PCP.

Num início de massas realizado no Palácio dos Desportos, no próprio recinto do festival, participou uma delegação portuguesa que denunciou os crimes do fascismo e do colonialismo portugueses.

MENSAGENS DO PCP

O CC do PCP enviou mensagens de solidariedade aos Partidos Comunistas do Chile e Uruguai e uma saudação à revista «Problemas da Paz e do Socialismo», por ocasião do 15.º aniversário da sua fundação.

exemplo do seu ardente internacionalismo, a força das suas ideias, continuarão bem vivos e a inspirar todos os que pensam e sabem que o socialismo e o comunismo são o futuro de toda a humanidade.